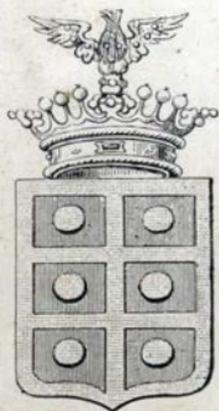


Album



dos

Vencidos



(Publicação quinzenal
sem caracter politico)

FASCICULO N.º 1

15 de março de 1913

Editor, Director e Proprietario
Alberto Pereira d'Almeida



Redação e Administração
R. dos Douradores, 32, 1.ª, D.
LISBOA

Composto e Impresso

3A
Typographia do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27



Gravuras de Pires Marinho



DR. PEREIRA D'ALMEIDA

Preso durante 10 meses e 10 dias nas cadeias d'Almeida, Limoeiro, Trafaria, Relação
do Porto e demittido após a prisão do cargo de notario d'Almeida

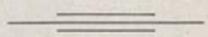
R24. 113 FH K.

Album dos Vencidos

POR

Dr. Alberto Pereira d'Almeida

(Com valiosas collaborações)



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua dos Douradores, 32, 1.º, Dir.
LISBOA

Quando eu era creança, mal acabára ainda de solletrar, como era d'uso na pedagogia d'então, ás vezes nas tardes frias, e nos serões das compridas noutes d'uma quadra invernosa e desabrida, quando a chuva em torrentes caudaes alagava os campos, encharcava as ruas, dispersando e afugentando os rudes camponeos para o abrigo das suas choupanas,— a neve n'um redemoinhar constante dos seus flócos em dança feiçiceira, descia á terra atapetando-a d'álvos e macios lenções, cobrindo as casas com seu docel magnificente,— o gêlo vidrando o sólo, pendendo dos beirões em christalinas stellaketites, esmaltando os vidros das janellas ensombrados com seu cortinado de caprichosos rendilhadados,— e as rajadas de vento, parecendo abalar o edeficio, assobiavam atravez dos buracos e fisgas das portas n'um bramir ensurdecedor, eu, com meus paes, irmãos e dois moços fieis, formavamos um semi-circulo apertado em volta da lareira, sobre a qual ardiam umas áchas de lenha sêcca, irradiando um calor intenso que nos afoqueava o rosto e fazia recuar.

Meu paé, n'um dos extremos, ao canto da cosinha, com a cabeça encaneçada pelos annos e pela fagulha que se evolava do lume que elle ia ateando, umas vezes fazia recrudescer a alegria do lar com seus ditos chistosos; outras, com arrazoados d'uma moral simples, educava-nos o sentimento nos bons costumes; e alliando á palavra a acção não se esquecia de succudir a mão nas minhas faces, como punição d'alguma travessura que acabasse de praticar.

Minha mãe, no extremo opposto, não desperdiçava o tempo que lhe sobejava do labor domestico; sentada n'um estrado circular, enovelava uma meada de linho para urdir uma teia, e assim entretida e enlevada, ia divagando a vista pelo pequeno rebanho, cobrindo-o com os raios do seu olhar terno, como ázas de protecção.

Os creados, embora sentados, tambem não permaneciam muito tempo com as mãos uma sobre outra; sem cancelas, preparavam de véspera o que era indispensavel ter logo á mão na alvorada do dia seguinte.

Meu irmão mais pequenino, depois de ter rido muito passando de mão em mão como no jôgo do anél, ou de ter atroado os nossos ouvidos n'uma grande berrincha, cançado, adormecia no chão junto de minha mãe.

Eu, como se fosse um homem já, sentado n'um pequeno cépo de madeira em forma de cubo, usual na cosinha da beira, com o cotovello apoiado sobre o joelho, e a frente à palma da mão, silencioso, ficava-me por algum tempo esquecido com os olhos fixos no crepitar das chamas no seu incessante devorar, e punha-me então a scismar . . . , a pensar . . . , nem eu sabia em qué . . . ; pensava, talvez, quando o ultimo reverbêro de incendio se apagava, despedindo-se d'algum negro tição já carbonizado, que lá fóra quantas existencias apagadas tambem, quantas vidas se iam extinguindo, n'um esmorecer lento, privadas de pão, de abrigo, e do mais rudimentar conforto!

Então minha mãe acordava-me d'essa abstracção; confiando-me umas contas que tirava do seio, ao signal da cruz, principiavamos todos a resar o terço e a recordar os nossos bemfeitores, os nossos antepassados já fallecidos, fundadores do lar em que lhe prestavamos culto, estando alli tão juntos de nós, tão presentes no nosso espirito, contando as suas virtudes, evocando a côr dos seus olhos e os traços do seu rosto, que parecia terem-nos deixado ainda hontem!

Outras vezes, a minha santa mãe mandava-me procurar um volumoso livro já antigo, ainda bem conservado, — a MISSÃO ABREVIADA, especie de FLOS SANCTORUM contendo panegyricos de thaumaturgos, martyres e heroís do christianismo, e perante o minusculo auditorio familiar, a que vinha juntar-se algum peregrino ou mendigo que por noute de inverno ou manhã de frio batia à nossa porta em busca d'azilo, começava a recitar com voz maguada e triste a fama d'esses saudosos varões e guerreiros, emparelhando com a coragem sobrenatural de heroínas donzellas, que nas luctas da Fê e da conquista, com esforço herculeo, no meio de soffrimento e resignação, conquistaram a palma do martyrio, a aureola da gloria e a beatificação da sua virtude triumphante.

E pelo nosso espirito extasiado, desfilavam então como visões maravilhosas, os espectros veneraveis de Sebastião, o guerreiro e martyr; Antonio, o santo miraculoso; S. Francisco Xavier, o apostolo das Indias; o infante D. Fernando, infeliz martyr de Fêz; Frei Bartolomeu dos Martyres, o thesoiro inexgotavel dos pobres; S. João Chrysostomo, o bocca d'oiro; Joanna d'Arc, a heroína tragica; Isabel, a Rainha Santa; Rosa de Viterbo, Thereza de Jesus, Maria Magdalena de Paçzi, e tantas outras imagens symbolicas, modeladas com as formas graceis das virgens de Pèrgolêze, encarnando a pureza, a abnegação, o heroismo, contra o estado desolador de negação e livida descrença, semeado de heresias, blasfemias, sacrilegios e violações, cingiram a Religião d'uma aureola divina e resplendor mistico, dilataram a Fé com a sua lingua d'oiro, assentaram a Justiça em balanças immaculadas d'onde brotou a Paz e a Concordia.

Quantas saudades d'esse livro a que talvez dei sumiço, e do tempo em que o lia com a devoção de crente sincero!

Ferido agora pelas amarguras d'um longo captiveiro, sepultado no tumulo d'uma cèlla, quando o pensamento, ora belicoso e turbulento, ora entregue a uma doce reverie procurava no meu passado algum dia feliz para recordar, a lembrança d'esse livro tão querido, suggeriu-me a ardidura d'um outro, vasado nos mesmos moldes, inspirado nos mesmos fins, — o ALBUM DOS VENCIDOS, contendo as biographias ornadas dos respectivos retratos, de todos aquelles que na prisão, no exilio, ou ainda em liberdade, conjugaram o seu esforço heroico na rehabilitação da Patria.

Os bons portuguezes a quem o nosso ALBUM é dedicado, leiam-no tambem aos serões, e quando forem velhos contarão aos novos com profunda e cáva tristeza, e exaltada indignação, as brutalidades infligidas contra os presos politicos, na maioria sacerdotes, antigos ministros e conselheiros, titulares, advogados, medicos, professores, officiaes do exercito, pharmaceuticos, commercian-

tes, e algumas damas da primeira sociedade, conduzidos indecorosamente ás masmorras como um rebanho tragico e ululante de rezes feridas, no meio dos apúpos, úrros e bofetões de miseráveis, que nos assaltavam, cuspiendo-nos o rosto, arrancando cabellos brancos da barba de velhos trópegos, cobrindo-os de immundicie das ruas, precipitando-os á agua ao desembarcar das galéras entre bayonetas, ao mesmo tempo que os insultos mais torpes, as mais cruas obscenidades respondiam ás lagrimas amarissimas de pobres senhoras, que atráz, seguiam entes que lhes eram queridos, perpetrando-se tamanha torpêza á sombra da auctoridade e da cobardia da força armada, que os não soube defender!

Ao passo que outros, á beira da cratera de furioso vulcão, ameaçados a ser engolfados n'um conducto de fêl pelas lávas adústas, não se resignando a soffrer torturas inquisitoriaes, espavoridos, fugiam, arremessados para o exilio como estilhaços das granadas d'uma revolução; enquanto os usurpadores na furia de extirpar todos os males da Patria com um novo elixir, anarchisam as crenças, as tradições e os costumes característicos do nosso povo, rasgando a toalha do altar, incendiando os ultimos reductos d'uma moral sã e mediêva, e sobre os destroços do vendaval, pregando sob o rotulo — Democracia —, o barbarismo e a torpêza.

O' Patria minha, náu desmantelada,
Deixa odiosas civilizações!
Volta a ser Portugal da CAPA E ESPADA,
De assignaladas Armas e Braços. . .

(Lopes Vieira, Naufrago.)

O presente ALBUM que não envolve critica ao regimen, ao governo, ou aos seus órgãos, estenderá um espesso véo sobre a serie de iniquidades com que os dominadores, apoiados peia lama, a vása das ruas e das sargetas, irrom-

pendo d'antros cavernosos, com o semblante a trasbordar vingança, empestãram a patria, cimentando odios, espalhando o terror e a desolação, estrangulando a liberdade, empallidecendo a gloria, dissolvendo a familia, corrompendo a honra, proscrevendo o Deus que tantas vezes nos guiou à victoria, e, finalmente, com uma furia de entremez, parecendo governar a nação como um rebanho de cabras, à pedrada, à paulada ou à dentada.

O ALBUM DOS VENCIDOS mostrarà, pois, quanto pôde o soffrimento humano n'estes tragicos infernos da terra, perpetuando assim o nome d'esses martyres e obreiros da ambicionada Redempção.

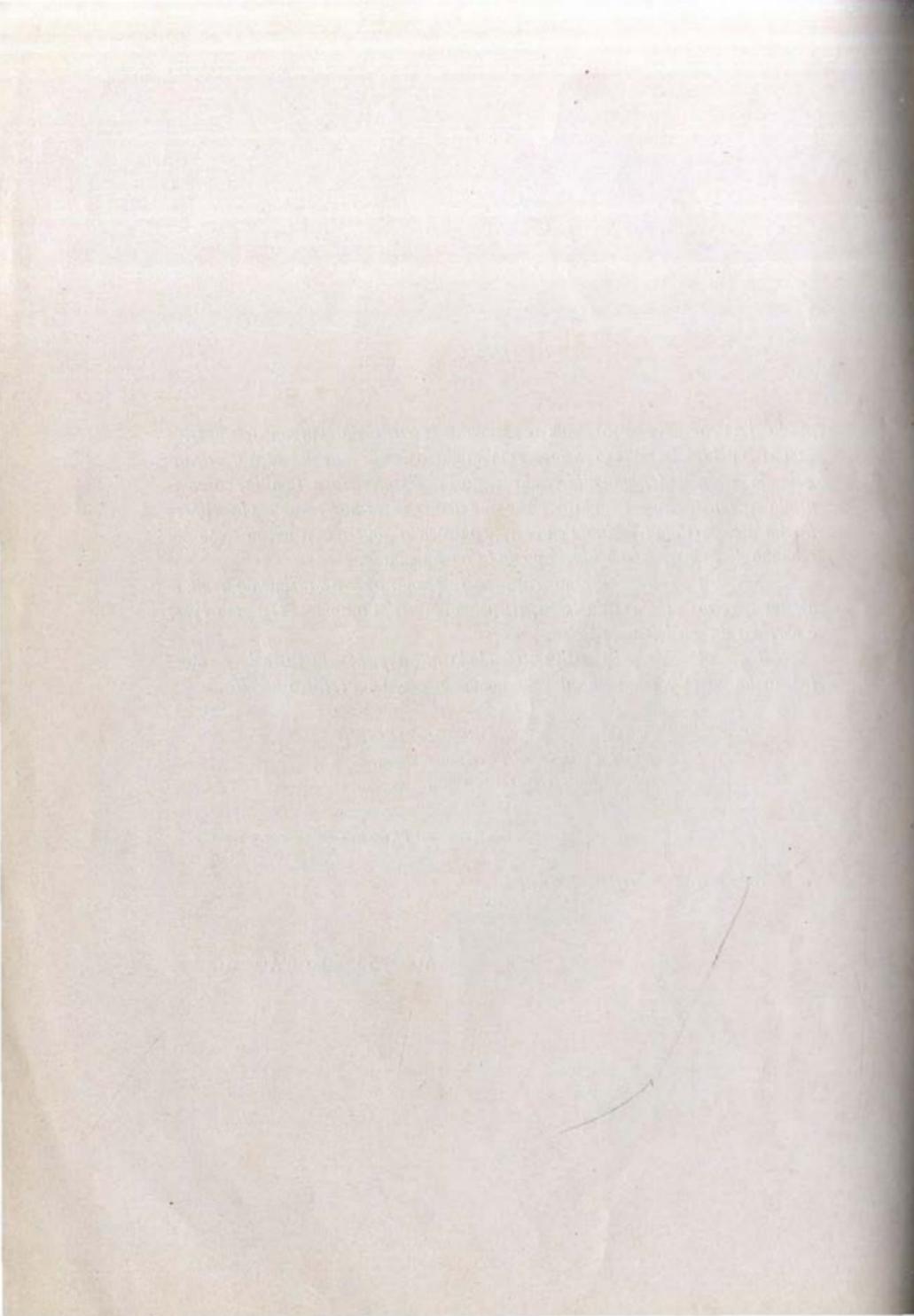
E quando este paiç se tiver afundado nos abysmos da Historia,— mostral-os-ha no Olympo em hemicyclo, como reflexo d'um esforço heroico.

Rásguem embora, ó patria, a tua historia;
emquanto o mar bramir, quebrando sérras,
ou brincar nas areias, em bonança,
ha de fallar de ti, patria, descança.

(D. Jayme, Thomaz Ribeiro, pag. 16.)

Presidio da Trafaria, Cella 37 — Março de 1912.

ALBERTO PEREIRA D'ALMEIDA.





Frederico Pinheiro Chagas

2.º tenente da armada

Frederico Pinheiro Chagas

«E' preferivel a morte a assistir ás desgraças da patria».

P. PATRÍCIO.

Os olhos torvos para o ceo levanta:
E já no arranco extremo — «Patria, ao menos
Juntos morremos». E expirou c'ò a patria.

CAMÕES, GARRETT (CANTO X — Est. XXIII).

Os grandes, os que a natureza e a educação privilegiou, sentem moveção a base, perdem o centro de gravidade n'este plano instavel das corrupções e desalentados, oppressos por dôres que os torturam, no meio d'uma sociedade allucinada e egoista, elles, como o naufrago se agárria á taboa salvadora, agarram-se a um revolver ou a uma navalha e rasgam o coração e espedaçam o cerebro, porque o cerebro é o tormento dos que pensam, e o coração é o flagéllo dos que soffrem!

E' com terror que assistimos a este esphacelamento procurado e consciente de vidas tão preciosas, dos homens que mais honraram o paiz, e lhe deixaram um exemplo na inteireza do character.

Como um lampejo de epopeia a fulgurar no pergaminho d'uma pagina da Historia, abre o nosso *Album* com o retrato do 2.^o tenente da Armada Real Portugueza, Frederico Pinheiro Chagas, esse elegante moço de vinte e oito annos, que no meio de tanta fraqueza, tanta cobardia, e de tão deshonrosas abjecções moraes, dos que mais obrigação tinham de se manter firmes no seu posto, fieis aos seus principios, deu com a sua attitude decidida e resoluta, e com a sentença de morte que a si mesmo lavrou como protesto contra a defecção e pusilanimidade dos characteres, um raro exemplo de coragem e uma simples lição de honra, que impressionou os proprios adversarios, pronunciando o seu nome com respeito, e os seus amigos evocando a sua memoria com lacrimosa saúde.

Percorrendo a fileira de dedicações que aquella lição tragica foi a pouco e pouco fructificando, e que n'este logar hão-de ser tambem inventariadas, não tivemos a menor hesitação em dar-lhe aqui o primeiro logar a honrar estas paginas, guiados apenas pela singeleza da Verdade, e pela rectidão da Justiça.

E' que, Frederico Pinheiro Chagas, no verdor dos annos, tão cheio de vida, tão vibrante d'alegria, tão exuberante de mocidade, foi tambem o primeiro martyr que á sua fé inquebrantavel, ás suas radicadas convicções, e ao juramento de fidelidade ao seu rei, com nobre abnegação sacrificou o seu bem estar, a sua carreira brilhantissima, a alegria dos irmãos queridos, chocados na mais profunda

dôr por uma eterna saudade, preferindo á transigencia com adversarios, a morte, com a honradez d'um spartano e a heroicidade d'um leonida.

Ao menos, antes d'expirar, poude dizer como Francisco I: *Tout a perdu moins l'honneur.*

A acção d'este destemido official durante as horas de revolução que prece-deram tão tragico desenlace, é narrada pela pena brilhante do illustre escriptor e jornalista Joaquim Leitão, no seu *Diario dos Vencidos*, pag. 125 e seguintes, cujas passagens comoventes com a devida venia trasladamos para aqui.

«N'ella (pagina do Arsenal da Marinha) apparece, limpida, a figura do tenente Frederico Pinheiro Chagas, que — desde que entrou com as primeiras incertezas da manhã, até deixar o Arsenal, com as primeiras agonias do entardecer de 4 d'outubro, — nem um momento cessou de ser visto de pé, a alvitrar, a prevêr, a reunir quantos fragmentos de resistencia o seu desassombro a sua coragem, a sua honra e as suas facultades combativas lhe suggeriram.

Frederico Pinheiro Chagas luctou dez angustiosas horas no Arsenal, e a sua partida para Valle de Zebro foi lembrada justamente pelo porte, que a sua dignidade de official patenteára todo esse tempo.

E o vulto de Frederico Pinheiro Chagas continua a avistar-se sempre ao de cima das aguas mortas da inercia em que encalhou a sua bravura, e ao de cima das aguas vivas da revolta, entrelaçada na acção, — porque só elle parecia ter acção, — mas destacado do scenario.

Quando ás onze e cinco minutos da manhã de 5, aquelle coração deixou de bater, Frederico Pinheiro Chagas — o unico que soube elevar o braço á altura do cerebro —, acaba logicamente.

Lidas as paginas que a seguir vamos dar, o gesto de Frederico Pinheiro Chagas será comprehendido mesmo pelos que por indifferença ou por myopia não enxergavam Valle de Zebro. E ninguem mais terá o direito de o lamentar como quem lamenta a victima d'um desespero, antes terão de ajoelhar perante a fatalidade que fez viver na época actual um portuguez fadado para defender Almeida, um portuguez irmão gêmeo dos portuguezes do Cêrco de Diu.

O epilogo de Valle de Zebro é superior a toda essa tragi-comedia.

Mas seguida passo a passo a lucta que o honrado official sustentou todas essas horas, para que a derrota pudesse ao menos ser nobilitada por uma resistencia, chega-se á derradeira linha com esta tristeza e esta convicção: Frederico Pinheiro Chagas não se suicidou, foi assassinado pela decadencia da sua época e da raça.

Vamos acompanhál-o seguindo os seus passos.

Cinco e meia da manhã. N'uma assomada de impaciencia por se embrenhar na acção, rompe pelo Arsenal o tenente Frederico Pinheiro Chagas, que toda a noute passou febrilmente ao telephone; pelo seu antigo immediato Almeida Henriques, conhece concisamente o que até ahí é passado, e diz-lhe:

— Se nós fossemos a bordo do «Adamastor»?

— Nós entravamos! . . .

— Ha ordem para não ir mais official nenhum! e Frederico Pinheiro Cha-

gas tem uma contracção, que, sem que elle pronunciasse uma palavra, se podia traduzir assim: — sempre a contrariarem as coisas! . . .

As praças de marinha que se achavam licenciadas, acódem em quantidade enorme a apresentar-se no Arsenal; mas com o fundamento da falta de rancho, este reforço é mandado embora, contra a vontade de Chagas, que viu n'este abandono um presente á Revolução.

Ainda alvitra que todos os companheiros fossem n'um movimento de resistencia concentrar-se no D. Carlos; o silencio foi a resposta.

Final com o seu companheiro, o primeiro tenente Almeida Henriques, é enviado em missão arriscada para Valle de Zebro e trazer a força da *Pêro de Alemquer*, «imaginando, como imaginaria um homem d'honra, que o que queriam d'elle e dos seus camaradas era acção, era valor, era honra, era coragem, era o Dever, e já na Majoria Geral se dava ordem aos officiaes que lá estavam, de se irem vestindo á paizana, para se safarem! . . .»

O primeiro coração que ajoelhou junto do corpo do honrado official, quando elle cahiu, para cobrir com a grandeza da sua estatura e do seu fim a agonia d'uma geração, foi o primeiro tenente Almeida Henriques, que commovidamente se apossou do seu querido camarada para o ir deixar nos braços da familia.

E foi ao lado d'esse official, que elle tanto distinguia, que Frederico Pinheiro Chagas deu a sua brilhante demissão de official.

Almeida Henriques era, pois, o mais legitimo, o mais documentado historiador d'esta pagina de Valle do Zebro.

D'aquí, escreveu Frederico uma carta a seus irmãos; e sem desanimos, sem presentimentos, sempre amavel terminava por lhes mandar muitos beijos, muitas saudades, como se estivesse a muitas milhas de distancia.

Frederico passára a noute a conversar, revoltando-se contra a inacção a que o deitavam a elle e a todos.

Mas o tenente Elysio Leitão pedia-lhe serenidade e Frederico Pinheiro Chagas respondeu: «Esteja descansado! A minha vida hoje é-me duplamente necessaria!»

No meio da indisciplina que lavrava já na Escola, o destacamento da *Pêro d'Alemquer* forma em ordem extremado-se dos revoltosos, esperando obedecer ao seu commandante, tenente Pato.

Frederico vendo a attitude disciplinada e fiel da pequena força, exclama:

— Temos aqui estas praças que não se revoltam e não vão com os outros!

O tenente Pato, que commandava aquella força, ida para combater os revoltosos, declara-se a favor d'estes, dizendo: — Esta gente vae tambem! . . .

Frederico Pinheiro Chagas retirou os olhos d'aquella massa revoltosa, rodeou o logar como que á procura do que restava, e dando com os torpedeiros atacados exclamou: — Mas ainda temos ali os torpedeiros! . . .

— A gente dos torpedeiros, informa Almeida Henriques, desembarcou toda!

Frederico Pinheiro Chagas voltou costas, deixou cahir os braços, e duas ou tres vezes passou deante dos camaradas, sem os vêr, em passeios alheados, sem uma palavra, sem um olhar, lanceado de dôr, uma coragem sobre que

Presos políticos do «Grupo A» do Limoeiro



f. Cliché M. Anaro

- 1.º plano, da esquerda para a direita: José Lourenço, Antonio Ribas, Duarte Formoso Pinto e Antonio Faustino.
2.º plano: Padre Francisco A. Alves, Dr. Guilhermino Alves, João H. da Costa, João G. da Silva, Albino Nogueira e Padre Avelino S. de Figueiredo.
3.º plano: Dr. Armando C. Ramos, José Casimiro, D. José de Mascarenhas, Eduardo Perestrello de Vasconcellos e Sabino J. da Costa.

acabava de desabar a pedreira da derradeira esperança, um character a que tinham esmagado toda a acção, o soffrimento masculino d'uma honra manietada.

As praças que se apresentavam eram dadas de presente à Revolução.

Elle, Frederico Chagas, era tido ali inactivo, como se já tivesse cahido prisioneiro nas mãos da Revolução.

E elle a sentir como era facil actuar, como era possivel vencer, como era digno lutar.

Emquanto teve um fio de resistencia em que acreditar, acreditou.

Emquanto teve uma farfálha de esperança, esperou.

Mas cada resistencia que lembrava lhe inutilisavam, cada esperança que lhe surgia sumia-se.

O Frederico sentou-se n'uma pedra com o seu immediato, e d'ahi por deante só disse: — Eu não me rendo!

Que lhe resta! O commandante da Escola entregou-se com a officialidade, entregando-o tambem a elle. . .

Render-se? . . . E passa-lhe pela alma a figura integra do pae. E' a apparição da Honra! Render-se, não!

Ouve-se um tiro.

Os officiaes que se haviam distanciado voltam-se e vêem o tenente Chagas tombando como se fóra ferido por uma bala perdida de longe, o peito da camisola a arder pelo tiro à queima-roupa dado no coração, mas ainda de pé e o braço erguido a desfechar mais dois tiros na cabeça, envolto n'um hálo de fumo que sahia da nuca, a cahir de olhos já vidrados mas abertos, a revêr-se no ceu azul, como se recasse esquecer-se da sua bandeira, elle, elle que fóra o ultimo a abandonar-a e o primeiro a morrer por ella!

Almeida Henriques ajoelhou.

Batia ainda o coração.

Doze minutos depois, às onze e cinco minutos da manhã de 5 d'outubro, expirava, com uma honradez de spartano, e uma simplicidade de heroe, o tenente da Armada Real Portuguesa, Frederico Pinheiro Chagas.

Regressavam à Escola a força que d'ali partira e a força que ia tomá-la, já fraternisadas, seguidas de populares, de creanças e mulheres.

Toda essa multidão perpassou por deante do corpo de Frederico Chagas, já composto carinhosamente, e de todas as boccas sahiram expressões de respeito, de admiração por aquelle homem d'honra: — Este, sim, que foi um bravo! — Este soube cumprir o seu dever! — Este tinha brio! — diziam os proprios revolucionarios.

Foi a ultima continencia e a primeira aclamação da Historia.

Por fim, atracou uma vedêta e n'essa luxuosa embarcação foi pousado o corpo de Frederico Pinheiro Chagas, que todos os officiaes e o commandante acompanharam até ali, seguindo no vapor o medico da armada dr. Abel Barreto de Carvalho e Almeida Henriques, que só se desabraçou do seu camarada quando o entregou à angustia d'outros braços que ficaram para sempre abraçados a essa Sombra de epopeia, como ella para sempre ficará abraçada à querida bandeira azul e branca.



D. Pedro Villa-Franca

Com uniforme da columna realista

O corpo chegou já frio.

Nem se poudo desvestir para o amortalhar com as dragonas de grande uniforme.

Com uma simplicidade igual á que elle pôz na morte, apenas por sobre a farda de serviço se lhe deitou o colar da Torre e Espada que com tanta honra ganhou e com tanta honra levou para o tumulo.

Chamar-lhe heroe era vexar-lhe a memoria e deturpar-lhe o gesto.

Morte honrada é o epitaphio que lhe cabe. Caiu em sangue, mas no seu sangue, sem sacrificar ninguem. E quem sabe a dôr e o sacrificio que esse lindo, essa flôr de rapaz teve de fazer para não desistir de morrer com honra ao lembrar-se — porque se lembrou, com certeza — da grande dôr que ia levar ao coração do Alvaro, do Mario, de todos elles.

Mas quem sabe tambem se o Frederico não recordou n'essa hora a melancholica phrase do Pae, proferida já á beira do tumulo, com a mão cansada da experiencia pousada sobre a cabeça d'esse filho: — Que pena eu tenho, meu filho, de que não morras portuguez! . . .

— Morreu tão bem! Tão honradamente, tão singelamente! . . .»

Frederico Pinheiro Chagas era filho do grande escriptor, notavel estadista e parlamentar Manuel Pinheiro Chagas e de D. Maria da Piedade da Silva Pinheiro Chagas, nascendo em Lisboa, freguezia de Santa Izabel, a 7 de junho de 1882; assentou praça em 4 d'outubro de 1900 como aspirante de marinha supranumerario, sendo promovido a guarda-marinha a 29 de setembro de 1905, e a 2.º tenente em 4 d'outubro de 1907. El-Rei D. Carlos, que com elle sympathisava desde creança, mandou pedir ao dr. Mario Pinheiro Chagas que lhe entregasse o irmão Frederico para o educar; insistindo depois da recusa, para que permittisse ao menos que a expensas suas ficasse essa educação, que o dr. Mario guiaria como entendesse.

Foi agraciado com o grau de cavalleiro da Torre e Espada, e com a medalha de prata da rainha D. Amelia, por relevantes serviços prestados nas operações militares da Guiné em 1908. Pelo governo de Hespanha foi condecorado com a Cruz de 1.º classe do Merito Naval. Apesar de novo ainda, tinha já quatro portarias de louvor.





D. Pedro Villa-Franca

Morto no combate de Chaves

D. Pedro Villa-Franca

Por minha dama!

Era a divisa que nos torneios e nas justas, nos cartels e nas pugnas sangrentas, senhores e vassallos, cavalleiros e fidalgos, envergando a armadura, empunhando o gladio, armados de loriga e bravoneiras, traziam sempre na mente, gravada no coração, esculpida no bronze dos seus escudos, desenhada nos seus pavilhões de guerra, allucinados pelo impeto da bravura, assimillando a alma phantastica de Galaáz, Godofredo, Reinaldo, Tancredo, e d'outros cavalleiros celebrados no S. Graal e na Távola Redonda, depondo aos pés das enamoradas damas que os haviam armado cavalleiros, — a somma das suas façanhas e grandes proezas, o triumpho com o chamejar de rútilas glorias.

Foi a Edade-média que fez brotar a flor da Cavallaria, ideia superiormente bella, em que a noção cabótica da vida e do mundo apparecem sublimadas, aspirando para um ideal indefinido, subindo para as nuvens, como as agulhas das cathedraes, braços erguidos, de mãos postas para o ceu. O valor e o milagre, o heroe e o martyr, o destino sacrosanto da vida votada á peleja, a definição paradoxal do heroísmo pela abnegação: — tal era a cavallaria, que apparece como flôr da poesia d'um romantismo amoroso, suggestionando os espiritos para os committimentos grandiloquos, nobres e bellos.

A França de Carlos Magno, a Hespanha de Pelayo e do Cid, e Portugal do Mestre d'Aviz, no seu alumbramento visionario, são o resultado de lances arrojados d'uma pleiade de esforçados moços tendo a noção orgulhosa do brio, e o sentimento altivo da coragem e da honra viril.

Tão archaicas virtudes para uma sociedade que chegou agora á dissolvençia de caracteres, foram consubstanciadas n'algumas centenas de portuguezes d'uma só fé, girando-lhes nas veias a insufflar-lhes o enthusiasmo dos antigos feitos o sangue de Camões, de Nun'Alvares, do Gama, de Afonso d'Albuquerque, caminhando á pouco para o exilio e expondo-se á morte n'uma lucta de principios, na defeza da Fé e das tradições que haviam engrandecido aos olhos do mundo a patria luzitana.

N'estas pugnas infelizes distinguiram-se alguns valentes, que embora á sua passagem pelas populações campesinas recebessem as palmas de restauração, todavia a victoria não coroou os sacrificios dos invasores.

D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo (Villa-Franca), foi um dos esforçados moços fidalgos que foi encontrar a morte no desastre de Chaves, da mesma

maneira que o rei da lenda, o sempre desejado Sebastião a foi encontrar na batalha de Alcaccer-Kibir.

As mesmas primaveras da vida, o mesmo espirito juvenil, o mesmo ideal de aventuras epicas, a mesma vertigem da gloria offertada á nação, e á sua dama D. Antonia Godin, a encantadora e idolatrada noiva de D. Pedro, filha dos Viscondes de Godin, irmanavam no mesmo destino fatidico o regio principe e o cavalleiro.

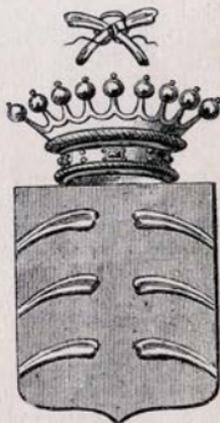
Era D. Pedro um rapaz de vinte annos, mediano de estatura e delgado de formas. Branco, de rosto comprido, nariz regular e afilado, tendo expressa na phisionomia como faculdade dominante a decisão. A bocca era pequena, o mento breve, o labio superior curto, os cabellos castanhos. Debaixo dos sobrecilhos, fortemente arqueados, luziam fundos os olhos. Via-se-lhe no rosto um mixto de energia grave e bondade candida, com uma vaga expressão poetica de ambições innominadas que se revelavam nas rugas precoces da testa e no apanhado da pelle sobre as fontes. A combinação dos seus pensamentos dava-lhe na vida, com uma mansidão discreta, uma alegria constante, e esse descanço activo, proprio de todos os homens fortes. Só os fracos se confundem; só os vasioes se atarefam. Vendo-se pela primeira vez n'uma hoste, olhava para os seus companheiros como amigos, como irmãos votados a um destino commum. O seu nome e o seu brazão de fidalgo não o ensoberbecia. A confraternidade guerreira era para elle uma religião. Tinha a caridade illimitada. A sua Fé em Deus era a chama em que ardia a sua dedicação patriótica e a sua energia militar. A religião era a raiz; a virtude, a coragem, o civismo, — os ramos da arvore da sua vida, iniciada pela revelação mystica dos antigos cavalleiros.

Animado d'estes principios, logo que das fronteiras da Galliza se ouve do clarim o toque de rebate concitando um punhado de bravos portuguezes á guerra, por Deus, pela Patria, — D. Pedro Villa-Franca corre á porfia com outros companheiros fidalgos a encorporar-se n'esse minusculo exercito que constituia a ala dos namorados, desfilando n'uma marcha entusiastica para a victoria ou para a morte.

Os velhos muros de Chaves cobertos de hera e de musgo iam assistir a mais uma prova de coragem, de heroicidade e de sacrificio dos contendores.

O sol que se erguera diaphano e ardente, começa a ser eclipsado por nuvens de poeira e de fumo, assim como o ar se via cheio de queixas, estrondos e alaridos, que por toda a parte soavam lastimosamente com assombro dos ouvidos e espanto dos olhos.

D. Pedro acompanhado de Arthur Urbano Duarte e outros poucos, no encarniçado da lucta, mette-se por um tropél de inimigos, e a cada projectil que se



Brazão da familia Villa-Franca

despede da sua arma, percebia-se-lhe no rosto a intenção — *Por minha dama!* — ao mesmo tempo que dos seus labios para ella partia um beijo de saudação.

Como um cavalleiro de Malta combatendo lealmente em campo razo, a peito descoberto, cae varado por uma bala inimiga, ficando no campo com outros feridos abandonado aos vencedores.

Porém, n'este conflicto, eram os vivos muito mais mofinos que os mortos, padecendo sua tragedia e a alheia, no horror do que viam, e no rigor do que experimentavam. Ninguem sabia distinguir qual pena fosse maior. Quem escapava do perigo, fallecia da salvação, porque o inimigo com animo obstinado reservou para si mais alta crueldade, não concedendo a vida aos mesmos a quem já a morte parece que lh'a tinha outorgado.

Nem os deveres dos belligerantes, nem a voz da consciencia, acordou no peito dos vencedores a mais rudimentar noção de misericórdia para com os vencidos!

D. Pedro Villa-Franca, que jazia no chão, ao vêr-se cercado por todas as partes pelo inimigo que accomettera com grande impeto, implora por piedade que lhe poupem a vida, offerecendo para tanto uma avultada quantia que consigo trazia.

Nem ao menos o deixaram acabar.

Como as da besta-féra no circo romano, as garras dos tyranos afogaram emfim os ultimos alentos no coração do martyr. Sentia-se fenecer. Um d'esses gemidos em que se concentram todas as angustias; um d'esses gemidos d'alma que dá o primeiro arranco para abandonar o corpo; um d'esses gemidos que vem cahir-nos sobre o coração e esmagá-lo, partira do seu seio traspassado cruelmente pelos algozes, que o acabaram de matar e o roubaram.

Tinha os labios cerrados, e pelos cantos da bocca borbulhava-lhe escuma sanguinolenta. Em que lingua haveria phrases para descrever o cahos de dôr, de terror, de desesperação, que n'esse instante redemoinhou como n'um sorvedoiro na alma atribulada dos feridos?

A procélla que se lhes erguera no coração ia pouco a pouco declinando e como que adormeceu n'um pélago de tristeza. O furacão que devasta, o raio que fulmina, não ha pinceis nem côres que possam fixal-os na téla.

As palavras que Villa-Franca proferira no ultimo arranco, zumbiram por largo espaço nos ouvidos dos companheiros feridos, que immoveis tinham pregado no cadaver os olhos d'onde manavam as lagrimas em fio.

D. Pedro da Costa de Souza de Macedo (Villa-Franca), tendo apenas vinte annos, foi um dos mais queridos rapazes da nossa sociedade, que tinha grandes e justificadas sympathias. Ha anno e meio trocara voluntariamente a sua vida alegre e descuidada da capital, pelas amarguras e incertezas do exilio.

Era filho da sr.^a D. Heloisa Monteiro Torres Damaso de Macedo (Villa-Franca), e do sr. D. Luiz da Costa de Sousa e Macedo (Villa-Franca), filho primogenito do fallecido conde de Villa-Franca, fidalgo da mais nobre estirpe e diplomata de nomeada; neto, pela parte materna, da sr.^a D. Marianna Monteiro Torres Damaso de Moraes e do general João Damaso de Moraes, antigo ajudante de campo de D. Luiz I, e consul de Portugal por largo tempo em Cadiz.



D. Antonia Godin

Noiva de D. Pedro Villa-Franca e filha dos Viscondes de Godin

Era irmão do sr. dr. D. João da Costa de Macedo (Villa-Franca), que este anno conclue a sua formatura em Direito na Universidade de Coimbra, e sobrinho do digno lente da Escola Polytechnica sr. D. João da Costa de Sousa de Macedo (Villa-Franca), que n'uma das ruas mais concorridas da capital, e á hora em que o cadaver do sobrinho devia baixar á sepultura, foi covarde e traiçoeiramente agredido pelas costas, recebendo ferimentos na cabeça d'onde jorrou sangue, por um numeroso grupo da rua, de quem a custo se defendeu com coragem e valentia, pelo simples facto de ser tio do infeliz moço que acabamos de biographar.

D. Pedro Villa-Franca, que havia sentado praça, foi alumno laureado da Escola Polytechnica, e seguia o curso de engenharia quando sahiu de Portugal.

Tinha o seu casamento tratado com a ex.^{ma} sr.^a D. Antonia de Menezes Verney Casa do Giraldes Cardoso da Silva (Godin), a inconsolavel menina que nem depois da morte abandonou o seu querido noivo, indo aos campos de batalha recolher o cadaver, encerral-o n'uma urna de fina madeira, compôr-lhe os vestidos, espargindo sobre elle as essencias das suas lagrimas. Por isso, e porque ella se tem amerciado da situação dos presos politicos pobres, pedimos licença para publicar-lhe o retrato como homenagem de profundo respeito e admiração a tão virtuosa dama.



Manoel Alberto Soares

Ao escrever estas linhas, embora restituída a serenidade aos corações angustiados pela dôr, a nossa alma soffre ainda ao lembrar-se do acontecimento mais estupendo e insolito, que jámais em successivos dias de constante desasosiego, de febril agitação, e d'um já assaz longo e interminavel periodo revolucionario, foi perpetrado.

Na tarde de 9 de julho de 1912, emquanto nas fronteiras do norte do paiz corria lado a lado o sangue de portuguezes que se batiam a peito descoberto, e morriam pelos seus ideaes e pelas suas bandeiras, ao mesmo tempo que palmas victoriosas e rugidos de triumpho acolhiam os vencedores, era Manoel Alberto Soares, valoroso official da marinha de guerra, assassinado covarde e traiçoeiramente por um numeroso grupo de individuos, que o reconhecera por ter estado preso por conspirador, sendo pelos tribunaes superiores despronunciado, declarando nullo e sem fundamento o processo.

O malogrado official seguia pela rua do Ouro acompanhado por dois ami-



Manoel Alberto Soares
2.º tenente da armada

gos, quando, sabendo que era perseguido, procurou refugiar-se no café Marrare; como não o deixassem, de novo veio á rua seguindo para o Hotel Francfort, a buscar a correspondencia.

Quando se dispunha a transpôr a porta do hotel, viu-se cercado pelo referido bando, que o aggreuiu com bengaladas, disparando tiros de revolver, um dos quaes attingiu aquelle official na fonte direita, sendo morto instantaneamente, á hora da maior concorrência n'uma das principaes ruas de Lisboa, quando desprovido de armas de fogo, defendia a sua segurança pessoal e o seu brio militar.

Descobramos-nos, pois, ante esse episodio tragico. Curvemos-nos ante essa dilacerante dôr.

Haverá alguém que não se sinta commovido perante os grandes infortunios, perante a triste occorrença que victimou o desventurado Manoel Alberto Soares?

Por mais duro que seja um coração, elle ha-de soffrer perante tal facto; por mais fria que seja uma alma, ella tremerá de angustia ante os gemidos da victima e as lagrimas dos sobreviventes!

Correu sangue! Verteram-se lagrimas! Estenderam-se crepes de envolta com estilhaços!

Se ao menos o sacrificio do seu sangue fôsse a prova da sua experimentada coragem em combate intrepido e valoroso com os seus adversarios!

Causa pena esse desperdicio inutil cortar tão inesperadamente a sua mocidade embalada de ridentissimas esperanças.

Como hão-de trajar de luto, verter lagrimas e juntal-as, os que choram no morto querido o filho e irmão extremoso que perderam, o amigo leal que dorme agora o eterno somno, o camarada aguerrido que jámais voltará do seu tumulo ás fileiras da marinha tão sua amada!

Se é de lamentar Alberto Soares, quanta tristeza deve causar, vêr recuar, descer para o abysmo esta sociedade agitada por assoldadados bandos de miseraveis, com os olhos injectados de sangue que os cega, com a alma envenenada de jacobinismo sordido, com os corações turvados de vinganças ferozes segregando odio corrosivo n'uma furia destruidora que não conhece clemencia, em assaltos á mão armada, para se lançarem na sepultura irmãos d'esta mesma terra, só porque pensam como outros não pensam; tudo isto sem um protesto, sem uma palavra de reprovação, com uma significativa impunidade, ao mesmo tempo que do alto se soltavam clamores de exterminio e de perseguição, gritos de guerra, impiedosos brados de morte!

O sangue que jorrou d'este infeliz moço, manchará indelevelmente este periodo historico, sem que nenhuma consciencia humana, honesta e justa, possa absolver ou perdoar o crime abominavel.

Manoel Alberto Soares era filho de Manoel Antonio Soares e de D. Maria Viegas Reis Soares, e irmão do dr. Luciano Eustachio Soares, advogado em Olhão.

Nasceu a 10 d'agosto de 1879 na freguezia de Nossa Senhora do Rosario, concelho de Olhão; matriculou-se no Lyceu de Faro em 1892 tendo 13 annos, concluindo os preparatorios em 1897 com distincção; em outubro do mesmo anno matriculava-se na Polytechnica nas cadeiras necessarias para entrar na



D. Maria do Carmo Cerqueira de Vasconcellos

Filha do fallecido coronel de infantaria Alexandre Eloy Pereira da Rocha Vasconcellos, a infeliz menina que ao ter conhecimento do assassinato do seu inseparavel companheiro, tenente Alberto Soares, com quem vivia, pôz termo á vida com um tiro de pistola.

Escola Naval, onde se matriculara em 1898, tendo então 19 annos. A 22 d'outubro do mesmo anno assentava praça com a graduação de aspirante de marinha; feito o curso naval coube-lhe o n.º 10 na ordem de classificações finais. Foi promovido a guarda-marinha em 30 de setembro de 1901, e a 2.º tenente em 25 de fevereiro de 1904.

Fez serviço a bordo do *D. Carlos* na viagem ao Brazil, *Pêro d'Alemquer*, *Adamastor*, canhoneiras *Tejo*, *Sado* e *D. Luiz*, etc., servindo pouco mais d'um anno na estação naval de Cabo Verde. Teve duas portarias de louvor pela coragem e disciplina de que deu provas a bordo do transporte *S. Thomé*, por occasião do seu encalhe no mar Vermelho em 24 de dezembro de 1904, e pelos trabalhos realisados no pharol da Guia da cidade de Macau.

Era Cavalleiro da Ordem de Christo, e tinha a medalha de cobre do Real Instituto de Soccorros a Naufragos. Exerceu o cargo de capitão do porto de Villa Nova de Portimão. Foi ajudante dos ministros da marinha, Antonio Cabral e João d'Azevedo Coutinho, de quem foi amigo pessoal e dedicadissimo. Foi eleito deputado pela opposição no circulo do Algarve nas ultimas eleições monarchicas. Foi preso em 13 de junho de 1911 a bordo da fragata *D. Fernando*, seguindo depois para o forte de Caxias até que foi despronunciado a 23 d'outubro do mesmo anno.



D. João d'Almeida

A desgraça tem direito a especiaes homenagens. Na desventura é que se conhecem amigos e o preto dos que realmente o são, avalia-se pela intensidade da dôr, comprehende-se e justifica-se nas suas manifestações. D. João d'Almeida, o fidalgo descendente da nobre casa de Lavradio, com a varonia da de Asseca, é o primeiro alvejado da justiça que a republica applicou em sua propria defeza. Foi duro e cruel o uso d'esse direito; mas não pretendemos hoje occupar-nos do assumpto. O que procuramos é realçar a lisura do porte, a franqueza altiva e nobre, o animo destemido de verdadeiro gentilhomen, que D. João d'Almeida, segundo o relato insuspeito dos mais auctorisados órgãos republicanos, manteve no tribunal, dizendo o que sentia, que poderá ser erroneo ou não, mas que não deixa de ser respeitavel pelas especiaes circumstancias em que foi dito.

Não foi um cobarde, nem podia sel-o, porque a propria doença lhe afasta para bem longe a curiosidade em saber a cõr do medo. Não foi um vacillante nem deixou, tampouco, de ser cortez e respeitoso, como homem educado toda a



D. João d'Almeida

Capitão da Guarda Imperial Austriaca

vida no mais intimo convívio das primeiras côrtes da Europa. A sua defeza offi-ciosa salientou com justiça qualidades que elle possui. Era e é por educação, por temperamento e por convicção inabalavel, um adversario intransigente do regime que succedeu ao constitucionalismo.

Arriscou a sua vida, commoda e facil, em obediencia aos principios que lhe regem o coração e por estar convicto que, procedendo como procedeu, sem que ninguém conseguisse demovel-o do seu proposito, temendo os excessos do seu temperamento, prestava assim um serviço não só á causa a que se devotara, mas á terra em que nascera e que fôra obrigado a esquecer *pró forma* nos mais verdes annos da risonha adolescencia! Foi coherente, e os inimigos que o aprisionaram, prenderam, julgaram e condemnaram, teem por dever moral curvar-se ante a grandeza que o acompanha n'este momento solemne.

E' o que se infere da leitura da sua condemnação, o que não nos surpre-hende, porque poucos como nós conhecem tão bem o que foi e o que é D. João d'Almeida Correia de Sá. Vimol-o a primeira vez — ha mais de vinte annos — em casa d'uma das mais typicas e aristocraticas figuras da fidalguia de Portugal, o ultimo Marquez de Penalva.

Foi elle que nos apresentou n'aquellas salas do palacete da Junqueira, cobertas d'alto a baixo com os retratos dos antepassados, esses vultos inolvidaveis de gentishomens e de damas, que durante seculos honraram o Paço com a sua presença, serviram o Rei e a Patria com a maior lealdade e dedicação. Vivia-se uma epoca remota n'aquella casa, que nos traz tão gratas recordações e onde, depois da morte do nobre Marquez, só voltamos passados muitos annos, por motivo funebre, quando alli residia a sr.^a Viscondessa de Marinho, irmã de D. Alexandre de Saldanha da Gama. D'ahi para o futuro cada vez mais se estreitaram as nossas relações com D. João d'Almeida, chegando a ser intimas, revestidas da maior cordealidade, desde que assumimos este logar, a que só nos poderia dar direito uma convicção firme nunca desmentida.

Sabemos por experiencia quanto elle quer e quanto elle trabalhou, pela *Nação*. Além da amizade pessoal, é um dos mais dedicados amigos d'esta casa, que muitas vezes honrou com informações curiosissimas da côrte de Vienna d'Austria e das que diziam respeito á augusta familia do Senhor Dom Miguel de Bragança. Tem, pois, sagrados titulos que lhe dão direito a uma homenagem, que lhe será grata quando d'ella tiver conhecimento e que, certamente, merece o applauso não só do publico honesto, a quem a gratidão e o affecto não sejam extranhos, mas do Principe, que reconhecemos o Representante da Legitimidade, e que sabia avaliar e premiar a dedicação incedível do infeliz condemnado pelos tribunaes da republica, a um degredo horrivel de vinte annos!

Não sabemos se insinuações odiantas e despreziveis, tornam perigoso o ser amigo de D. João d'Almeida. Não sabemos, nem queremos saber. Cumprimos o que nos impõe a consciencia, não esquecendo nem a memoria de seu illustre pae o erudito Conde d'Avintes, nem a de seu irmão o Conde de Lavradio, que foram nossos amigos, nem ainda o affecto de vivos, como D. Francisco d'Almeida (Lavradio) e seu cunhado D. Luiz Vaz d'Almada. N'este momento vamos pelo que nos dita o coração, passando em revista todo o longo convívio, desde as

salas do Marquez de Penalva até á ultima vez que o abraçámos, ao entrarmos no caminho de ferro n'uma das mais attrahentes praias da França. Rendemos-lhe homenagem, como um vencido que na desventura não perdeu a linha fidalga, sabendo cahir de pé!

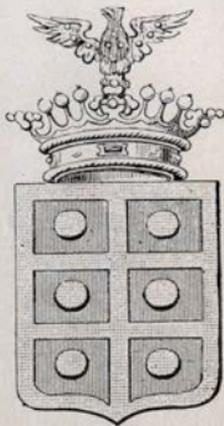
Rendemos-lhe homenagem como uma victima das suas convicções inabalaveis, fogosas em excesso, mas coherentes e dignas de respeito. Rendemos-lhe homenagem porque nos obriga o dever de ser gratos e não ha nada que mais perturbe a consciencia do que ser alvo d'uma ingratição. Esse desgosto, pela nossa parte, não atormentará D. João d'Almeida nas agruras do desterro. Oxalá que Deus assim permitta, que outro tanto não succeda a algum condemnado que nem sequer teve a audiencia d'um tribunal *ad hoc*, mas constituido á sombra da lei.

E nos dias de hoje, de surpresas e de inconcancias, nada é de extranhar, nada é de admirar! A desgraça vae a quem toca. D. João d'Almeida já o sabe. Feriu-o a aza sinistra da desventura. Foi-lhe adversa a sorte e no seu infortunio tem-nos por companheiros, porque sabemos ser leaes e sabemos comprehender o que são e o que sentem os desgraçados.

D. João d'Almeida, o querido amigo, preso politico que passa á Historia, escudado na prestigiosa figura de antigo fidalgo portuguez, na heroicidade com que defendeu os seus princios e na bizzarria magnanima do seu porte, — D. João d'Almeida, gemendo n'uma cella estreita da Penitenciaria o seu delicto de opinião; elle que pisara as alcátifas dos mais opulentos palacios da Europa, convivendo com Soberanos, sendo amigo de Principes, como era de uso da sua familia, não se esqueceu dos seus companheiros d'infortunio, dos que

como elle soffrem as contingencias da sorte e o rancor republicano, enviando-lhes, por intermedio d'uma das maiores fidalgas de Portugal e de toda a Europa, sua Ex.^{ma} prima, a senhora D. Constança Telles da Gama, a quantia de cem mil réis, para que a desdita d'aquelles, que como elle soffrem, seja minorada na sua intensidade, dando assim um publico testemunho de que não se esquecem as virtudes d'uma estirpe, com o rigor das calamidades revolucionarias.

D. João d'Almeida nasceu a 10 de dezembro de 1866, indo para a Austria em 1882, onde teve de repetir os preparatorios para poder entrar na Es-



Brazão de D. João d'Almeida
e Marquez de Lavradio

cola do Exército, attingindo depois com diferentes promoções o posto de capitão da guarda imperial austriaca.

E' digna de registro a dedicação com que o ministro d'Austria, Sr. Barão Kuhn de Kulnenfeld e sua esposa, se tem interessado por D. João, indo com frequencia á Penitenciaria, especializando a Sr.^a Ministra que tem supprido os carinhos de sua mãe, e ás vezes se sujeita a fallar-lhe de joelhos atravez das grossas grades do parlatorio, por d'outra forma ser impossivel pela agglomeração de pessoas.

Tambem o Ministro d'Inglaterra, Sir Arthur Hardinge, acompanhado d'um jornalista francez, foi expressamente á prisão cumprimentar D. João d'Almeida, com quem conversou demoradamente.

JOÃO FRANCO MONTEIRO.



Conde de Arnoso

Este nobre titular, pelo seu caracter e firmeza de convicções, foi uma figura de assinalado destaque nos ultimos annos da politica constitucional. O illustre secretario particular do Senhor D. Carlos, que sempre se conservou fiel á memoria do seu rei, como em vida lhe fôra dedicado na amizade, impôz-se á sociedade contemporanea como um raro exemplo de honradez.

A passagem que segue do seu discurso na Camara dos Pares pedindo castigo para os algozes do seu rei: «quando mataram D. Carlos, não mataram o homem; não mataram o chefe d'Estado; mataram a nação», ficou tristemente celebre nos annaes parlamentares como uma prophécia que pesa sobre o paiz.

De tão raro e puro quilate era a tempera moral do fallecido Conde de Arnoso, que os jornaes dos mais variados matizes e entre elles *O Dia*, de 22 de maio de 1911, d'onde recortamos a magistral apreciação que segue, prestaram-lhe homenagem com as mais justas palavras.

«Se resentimentos politicos ou pessoas tivessemos do Conde de Arnoso, ter-se-iam dissipado inteiramente na hora em que recebemos a triste surpresa de saber que elle estava perigosamente enfermo no seu solar de Pindella, onde a morte foi buscal-o.

Quem hoje a nossa saudade recorda, não é o orador parlamentar dominado por uma paixão que por vezes perturbou a clara visão do seu espirito, e o fez



Conde de Arnoso

infectir n'aquella linha de justiça de que em toda a sua vida ella timbrára de se não afastar nunca, e que na obsessão d'uma grande dôr moral, respeitavel na sua origem, o levou a responsabilisar por factos que repugnavam á sua nobre consciencia os que não menos poderiam rejeitar n'elles, sem faltarem á verdade, qualquer solidariedade.

Quem hoje nós relembramos não é o Conde de Arnoso politico, porque a politica foi apenas uma phase passageira do mais attribulado periodo da sua vida!

Quem hoje invocamos é a distinctissima e galharda figura d'esse Bernardo Pindella que foi um culto espirito e que soube ser amigo dedicado e fiel do seu rei ainda além da morte, sem nunca na sua vida lhe ter sido, na maior intimidade, um servil cortezão.

Que o não era, provou-o Bernardo Pinheiro Correia de Mello afastando-se do meio em que vivia, quando n'elle julgou finda com o reinado que se extinguiu a sua missão que n'elle exercera. E que a sua tempera moral tinha alguma coisa d'essa rizeja do aço que falta em tantos outros caracteres, provou-o ainda depois, quando tendo já posto termo pela reforma, á sua carreira de distincto official da arma de engenharia, renunciou de todo á vida militar dimittindo-se do serviço do exercito portuguez, onde tinha ascendido ao generalato, porque nem mesmo reformado queria servir a republica. Aos olhos dos seus mais acerrimos adversarios esta attitude d'intransigencia nobilitou-o.

O Conde de Arnoso soffreu nos ultimos annos dois golpes cruciantissimos: a morte do Rei D. Carlos, que teve n'elle um dos seus mais raros e dedicados amigos, e que talvez nem sempre aquilatasse em toda a sua grandeza a sinceridade, e o desinteresse d'aquelle affecto que se não envolvia nas dobras d'uma adulação; e, antes d'isso, a morte do seu idolatrado filho primogenito o Conde João de Arnoso, sympathico e bello moço, que nas primicias d'uma carreira brilhante de official da armada, a morte veio roubar-lhe implacavel.

Se alguma vez o seu espirito desvairou, se o seu temperamento impulsivo, o levou em horas amargas da sua existencia, a quebrar amizades e relações a que estreitamente se vinculára e que não tinha perdido o direito á sua estima, leve-se-lhe em conta todo esse soffrer pungente vendo desvanecidos os melhores sonhos da sua vida, perdendo o filho que estremecia, e assistindo depois áquella lugubre tragedia do Terreiro do Paço, em que se sepultava nos dois regios mortos uma importante parcella da sua propria alma, — tanto elle lhes queria!

Uma qualidade se lhe não pôde negar: a desassomburada coragem com que, n'um meio evidentemente hostil, elle mantinha a posição que assumira na sociedade politica portugueza, depois do regicídio.

Bernardo Pindella foi não só um *gentleman* no trato social, mas um cultor apaixonado das letras, um escriptor elegante e facil dos que pertenceram ao cenaculo dos *vencidos da vida*, e em todos os seus escriptos como em todos os seus actos, até nas manifestações da sua devoção artistica, elle mostrava um entranhado amor pelas coisas portuguezas.

Raros terão tido um tão triste declinar de vida, n'uma idade e em circumstancias em que tudo deixava esperar que essa existencia decorresse ainda longa e venturosa, cercado dos carinhos da esposa que o estremecia, e dos filhos que

Assignatura permanente

O ALBUM DOS VENCIDOS publica-se em fascículos quinzenaes de 32 paginas nos dias 1 e 15 de todos os mezes.

PAGAMENTO ADEANTADO

Portugal, Ilhas e Africa		Estrangeiro		Brazil (moeda fraca)	
6 mezes	2\$200	6 mezes	2\$400	6 mezes	7\$000
3 "	1\$200	3 "	1\$400	3 "	3\$800
				Numero avulso	600

Todos os pedidos de assignatura á redação e administração, Rua dos Douradores, 32, 1.º, D.— LISBOA

RECEBEM-SE ANUNCIOS PARA ESTA PUBLICAÇÃO